

**EPISTEMOLOGIAS DECOLONIAIS E SABERES EM TRÂNSITO NA PESQUISA TEATRAL CONTEMPORÂNEA****EPISTEMOLOGÍAS DECOLONIALES Y CONOCIMIENTOS EN TRÁNSITO EN LA INVESTIGACIÓN TEATRAL CONTEMPORÂNEA****DECOLONIAL EPISTEMOLOGIES AND KNOWLEDGE IN TRANSIT IN CONTEMPORARY THEATER RESEARCH****Adilson Florentino da Silva <sup>1</sup>****Resumo**

O texto aqui apresentado é derivado de um conjunto de reflexões tecidas como parte da pesquisa desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO e intitulada “A Produção da Pesquisa em Teatro no Brasil: das condições sociais e epistemológicas às condições estéticas”. O referido projeto emerge das minhas angústias, inquietudes e indagações face às condições nas quais são produzidas as pesquisas no campo do teatro nas instituições universitárias públicas brasileiras, principalmente, no decorrer da última década. O viés analítico está perspectivado pelos estudos pós-coloniais e decoloniais, de modo a contribuir para os debates em torno do projeto de descolonização epistemológica e estética das práticas e saberes teatrais.

**Palavras-Chave:** epistemologia teatral, estética teatral, estudos decoloniais.

**Resumen**

El texto presentado aquí se deriva de un conjunto de reflexiones tejidas como parte de la investigación desarrollada en el Programa de Posgrado en Artes Escénicas de la Universidad Federal del Estado de Río de Janeiro - UNIRIO y titulado "La producción de la investigación teatral en Brasil: das condiciones sociales y epistemológicas a condiciones estéticas". El referido proyecto surge de mis inquietudes y preguntas sobre las condiciones en que se produce la investigación en el campo del teatro en las instituciones universitarias públicas brasileñas, especialmente durante la última década. El sesgo analítico está previsto por los estudios poscoloniales y descoloniales, para contribuir a los debates en torno al proyecto de descolonización epistemológica y estética de las prácticas y el conocimiento teatrales.

**Palabras clave:** epistemología teatral, estética teatral, estudios descoloniales.

---

<sup>1</sup> Possui Doutorado em Teatro pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) e Pós-Doutorado em Artes Cênicas pelo Instituto de Artes da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). É Professor Titular da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO.

**Abstract**

The text presented here is derived from a set of reflections woven as part of the research developed in the Postgraduate Program in Performing Arts at the Federal University of the State of Rio de Janeiro - UNIRIO and entitled “The Production of Theater Research in Brazil: das social and epistemological conditions to aesthetic conditions”. The referred project emerges from my anxieties, concerns and inquiries regarding the conditions in which research in the field of theater is produced in Brazilian public university institutions, mainly during the last decade. The analytical bias is envisaged by post-colonial and decolonial studies, in order to contribute to the debates around the project of epistemological and aesthetic decolonization of theatrical practices and knowledge.

**Keywords** theatrical epistemology, theatrical aesthetics, decolonial studies.

A proposta mais ampla deste texto-ensaio é a tentativa de empreender a análise reflexiva das perspectivas teóricas que constituem os denominados estudos pós-coloniais e decoloniais, principalmente, a partir das influências das concepções pós-modernas e pós-estruturalistas no projeto de descolonização epistemológica. O eixo analítico prossegue com a crítica às teses “modernidade-colonialidade-descolonialidade” latino-americana e suas articulações com as práticas investigativas teatrais emergentes.

Inicialmente, tentarei dialogar com o pensamento decolonial em curso na perspectiva de desconstrução/reinvenção de um campo epistêmico autônomo a partir da analítica da própria noção de decolonialidade existente no interior de uma construção gnosiológica crítica e emancipatória, no que tange às relações de poder, saber e sujeito geopoliticamente situado no eixo sul. O que está em jogo neste texto reflexivo é o desejo de sublinhar os devires de uma ótica prático-teórica que recria e descentra os modos de investigação no campo teatral a partir de um recorte decolonial.

A pedra angular do eixo temático em questão emerge das minhas angústias, inquietudes e indagações em face das condições nas quais são produzidas as pesquisas no campo do teatro no Brasil, mais especificamente, nas universidades públicas durante a última década. O pressuposto que fundamenta o percurso desta reflexão recai sobre os modos como os saberes do teatro produzidos no contexto acadêmico estão teoricamente articulados.

As considerações apresentadas neste trabalho reflexivo são resultantes da interlocução estabelecida entre o meu projeto de pesquisa intitulado “A Produção da Pesquisa em Teatro no Brasil: das condições sociais e epistemológicas às condições estéticas” e as aulas ministradas por

mim no Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da UNIRIO na disciplina Pesquisa em Artes Cênicas. No ponto de tensão dessa interlocução gestam-se algumas inquietudes reflexivas, entre as quais destaco a difícil relação entre arte e ciência.

Partindo do pressuposto de que arte e ciência constituem duas esferas da cultura visivelmente distintas e determinadas por intencionalidades e interesses objetivos diferentes, a ruptura existente entre ambas está localizada no modo de construção da realidade.

As práticas científicas possuem como princípio de construção e interpretação de mundo a indagação e a explicação racional. Esse princípio está inscrito na compreensão de que a realidade tem uma dimensão objetiva, independente das percepções de sentido do conjunto das pessoas.

Contraditoriamente, a arte mantém um vínculo aproximativo com o primado da imaginação e pela significação decisiva que as pessoas atribuem ao processo criativo. No entanto, contemporaneamente, as estratégias de produção de conhecimento tanto da arte como da ciência não são consideradas de modo algum irreconciliáveis. O debate epistemológico contemporâneo vem apontando que as práticas científicas não são expressão de um modo único e unívoco de racionalidade, pois nelas estão inseridas o uso da imaginação, da criatividade e do acaso como fatores decisivos de sua produção.

Do mesmo modo, as comunidades artísticas estão cada vez mais assumindo que os processos criativos possuem uma componente de ordem reflexiva e discursiva que ao invés de opor-se à ciência, constitui juntamente com ela um campo geral de pensamento a fim de efetivar um diálogo aberto e profícuo.

Assim sendo, o vínculo dialógico existente entre arte e ciência permite a construção de uma concepção inter/transdisciplinar do conhecimento e da emergência de um novo paradigma interpretativo da realidade.

Embora eu não tenha a intenção de esgotar o tema por mim proposto, desejo enfatizar que a minha opção analítica está fundamentada na perspectiva da epistemologia crítica e nas teorias pós-coloniais com as quais me identifico e constituem um dispositivo de análise que implica o entendimento da pesquisa como produção de conhecimento. Sendo assim, a pesquisa remete à definição de um referencial teórico no qual se instala toda uma concepção de sociedade.

Todas essas reflexões iniciais servem para elucidar que há uma densa materialidade na produção do conhecimento teatral. A emergência da produção do conhecimento teatral no momento atual deve começar a fazer provocações na comunidade científica (Khun, 1995) e

artística, a fim de dar conta da natureza e dos contornos epistemológicos e estéticos problematizados pelos seus estudos. Se a dinâmica das pesquisas no campo do Teatro remete irremediavelmente para outros campos disciplinares, cabe verificar em que medida e com que estatuto o Teatro permanece no interior de outros saberes disciplinares.

Inicialmente, quando eu comecei a tecer mais organizadamente os estudos da relação teatro-epistemologia, eu considerei no conjunto das reflexões epistemológicas as contribuições da perspectiva epistemológica de Bachelard (2005) em sua dimensão histórica e da perspectiva epistemológica de Foucault (1987, 1989) em sua dimensão arqueológica. Ambas as perspectivas atravessam as diferentes camadas do debate proposto na relação entre o teatro e a problemática do conhecimento e me conduziram, atualmente, ao encontro das teorias pós-coloniais.

Outro ponto de vista inicialmente explorado por mim no estudo da relação teatro-epistemologia concerne ao debate epistemológico produzido por Boaventura Santos (1995, 2000, 2009), principalmente as noções de “epistemologias do sul”, “ecologias dos saberes” e “pensamento pós-abissal”. As leituras aqui apreendidas subsidiaram-me na tentativa de identificar as contribuições para o debate epistemológico contemporâneo em torno do teatro e das artes da cena como campo de conhecimento, bem como a problematizar o conceito de ecologia dos saberes num diálogo com o pensamento teatral perspectivado pela dimensão contra-hegemônica/emancipatória e suas implicações sócioestéticas.

Diante desse questionamento, eu coloco em destaque o modo como os estudos teatrais atuam na interface entre a dimensão epistêmica e a dimensão estética, na expectativa de repensar o complexo trabalho de pesquisa em torno da arte teatral. Há uma emergência em decolonizar os estudos no campo teatral a partir de outras formas de saber-fazer-pensar que solicitam a configuração de novos conhecimentos e práticas de pesquisa.

O percurso de reflexão proposto é o de desconstrução da episteme e da estética do tipo moderno/colonial reinantes nos estudos sobre o teatro no Brasil, que privilegiam a relação vertical de subordinação sujeito-objeto, rumo a um novo paradigma que pressupõe a relação horizontal sujeito-sujeito. A questão problematizadora que eu desvelo nesta escrita analítica é a necessidade de construção de um pensamento decolonial no campo dos estudos sobre o teatro, mas que não aparenta apenas uma dimensão ideológica e sim uma dimensão investigativa, de pesquisa.

Nos rastros dessa reflexão, urge deselitizar, desmistificar e dissolver a forma tradicional e

instituída de pesquisa e dos processos de construção do conhecimento no campo teatral a partir da sinalização de novas rotas heurísticas, comprometidas com a ruptura hegemônica das propostas coloniais e eurocêntricas.

Para Mignolo (2000), a categoria “fazer decolonial” esboça um conjunto de idéias em processo de decolonizar-se mediante alguns rastros e pegadas ainda em devir, mas que não constituem uma nova metodologia nos moldes da tradição moderna; trata-se de uma escolha, de uma opção por outro tipo de escuta, de outro tipo de olhar, de sentir e de capturar o mundo. O que aqui está em tela é o esboço de um pensamento crítico-criativo em permanente estado de suspeição e em estado de prontidão para subverter a ordem científica dominante.

Não obstante, a ruptura com a racionalidade e a estética hegemônicas do saber teatral implica veemente desvelar/desconstruir a colonialidade do poder, do saber e do sujeito que estão nele inscritas. Tanto que na perspectiva dos sujeitos colonizados, a palavra “investigação” constitui uma das palavras mais problemáticas do mundo indígena. O processo de investigação é assumido como um conjunto de ações desumanizantes que causam dor e sofrimento (Dussel, 2007).

Por isso, tanto os sujeitos da diáspora atlântica como as populações indígenas recordam a ciência como um instrumento colonial, como uma ferramenta de exclusão que consolida o lado obscuro da modernidade pelas práticas insidiosas de racismo, estereótipos e violência (Butler, 2007). Neste sentido, a colonialidade epistêmica surge como a face oculta dos processos e métodos de pesquisa ainda dominantes no mundo intelectual brasileiro; e o fazer decolonial emerge não como investigação, pesquisa ou técnica, senão como vocação de ações que tornam visíveis os sinais de um novo tipo de inteligibilidade descolonizador.

O fazer decolonial não implica no processo de destruição dos conceitos chave da modernidade, mas sim, na reconfiguração de sua colonialidade oculta. Nesse ponto de vista, o processo decolonial não deve estar fundamentado em uma metodologia de investigação, pois conceber uma metodologia decolonial torna-se um paradoxo na propriedade de seus termos, principalmente, porque toda metodologia pressupõe uma dimensão colonizadora.

Segundo Mignolo (2000), é necessário romper com os conteúdos dos termos da colonialidade epistêmica, bem como romper com os próprios termos, de maneira a criar novas configurações conceituais que possam ser compreendidas. As práticas decoloniais formam parte do processo de ruptura e desconstrução da episteme ocidental, eurocêntrica e colonial; e no que

diz respeito ao campo do teatro, este texto enuncia o afastamento com o jogo nocivo da retórica moderna/colonial a partir da proposição de uma estética cênica própria da decolonialidade, sem a importação de categorias eurocentradas/eurorreferenciadas.

No momento atual, as abordagens científicas tradicionais, os métodos de pesquisa qualitativos ou quantitativos, empírico-analíticos, histórico-hermenêuticos ou sociocríticos chegam ao esgotamento e se tornam insuficientes para dar conta da problemática caleidoscópica do mundo. Como saída, emergem modos outros de produzir saberes, conhecimentos e práticas que colocam em marcha a pluriversalidade como projeto estético e epistêmico.

No ponto de tensão desse pensamento, o novelo desfia-se diante de uma crise civilizatória, pois o ocidente como civilização hegemônica está em crise e estamos a testemunhar o esgotamento do modelo ocidental de organização social, produtiva e cultural. Como nos desgarrar das marcas da colonialidade? Pela construção de uma gramática decolonial tecida nas bases dos diálogos inter/transculturais.

O dialogo inter/transcultural constitui a urgência/emergência para a realização ineludível da pessoa humana num mundo em profunda crise planetária, tendo em vistas à consolidar um pacto de sociabilidade de múltiplas narrativas emancipatórias das experiências e construir novos sentidos e significados a partir de outras lógicas criativas. Algumas leituras de caráter decolonial como a de Haraway (2015), nos exorta que o mundo e a realidade não constituem entidades ontológicas e nem epistemológicas a serem descobertas; constituem-se na potência das relações sociais inter/transubjetivas.

Seguindo nas malhas do debate em tela, a temática em exposição aponta para o pressuposto de que existem outras epistemes e outras estéticas para além do eurocentrismo, cuja crítica decolonial desmantela os processos de colonialidade do saber e do ver, de maneira a propor um novo modo de pensar e de criar aberto ao diálogo inter/transcultural e transdisciplinar de saberes.

Assim sendo, pensar na perspectiva das teorias epistemológicas decoloniais pressupõe pensar a base conceitual de novos processos de investigação no campo do teatro e de outras estéticas. Indubitavelmente, é possível pensar, no cerne dos estudos teatrais no Brasil, a configuração de novas práticas estético-cênico-epistêmicas.

A aparente tensão existente entre o primado epistêmico e o primado estético ganha fortuna desde a antigüidade clássica, atravessa o período medieval, promove uma interessante

aliança durante a renascença, o barroco e a modernidade. No entanto, o ponto de interseção das diferentes representações de arte em cada período supramencionado é a afirmação do interesse de uma ordem universal. Somente com o surgimento da arte cinematográfica e o movimento das vanguardas artísticas, como o dadaísmo, o cubismo e o surrealismo, no século XX, vai haver uma ruptura nos modos de representação da arte que agora passa a tratar da realidade interior, ampliando as proximidades entre as relações estéticas e epistemológicas, no dizer de Canclini (2010).

A partir do século XX, inúmeras mudanças marcam a cultura ocidental, a qual passou por transformações nas artes, na política e na economia, levando ao surgimento de um período denominado de pós-modernidade. Nas perspectivas de Harvey (1992) e Jameson (1991), a pós-modernidade consiste num termo de complexa elaboração e definição em distintos campos de conhecimento, não apresentando um conceito único.

Pode-se conceber a pós-modernidade como uma época histórica caracterizada pelas modificações em relação ao período moderno e está diretamente ligada à modernidade, devendo ser compreendida como uma ontologia, um período de tempo que abarca inúmeras epistemologias, tais como o feminismo, o marxismo, o estruturalismo, o pós-estruturalismo e as teorias pós-coloniais.

Diante dos vínculos inelutáveis entre arte e epistemologia, eu coloco em destaque o contexto econômico e político do neoliberalismo no qual se instaura a tensão entre o mercado capitalista e as resistências contrahegemônicas que afetam diretamente o campo da arte na medida em que a economia política do capitalismo transforma a arte em mercadoria; como sociedade disciplinar transforma a pesquisa artística em um dispositivo a serviço do capitalismo cognitivo.

Do mesmo modo, a colonialidade do poder produz uma visão que justifica o controle racial e de gênero da economia e da sociedade (Quijano, 2014). Na contradição da sociedade de mercado, as práticas artísticas suscitadas, predominantemente, no denominado Terceiro Mundo, elaboram inúmeras estéticas de resistência através de novos elementos representativos das diferentes lutas sociais, deslocando a questão da colonialidade do modo de ver eurocêntrico pela mediação da decolonização estético-epistêmica.

Ao longo das últimas quatro décadas, as relações entre produção de conhecimento e a herança colonial do terceiro mundo ainda privilegia a epistemologia moderna que institui-se

como a única perspectiva universal e válida de conhecimento, de modo a negar todas as demais formas de construção do mundo.

Esse modo de opressão epistêmica ou genocídio epistemológico é um dos principais dispositivos de perpetuação do imaginário global eurocêntrico, sob o qual resiste/persiste uma taxionomia de dominação colonial que hierarquiza os saberes e rejeita as alteridades.

Sob diferentes denominações, pós-coloniais, decoloniais, epistemologias do sul, essas contribuições teóricas tensionam desvelar/denunciar/desconstruir as demarcações fronteiriças produzidas pelos sistemas de representação ocidentais, bem como alvejar os modos de pensar e os esquemas de interpretação que delineam as zonas coloniais como fontes de reprodução/consumo de cultura e ideologia, que reforça o ocidente como matriz intelectual teórica para toda a humanidade.

Contraditoriamente, ao longo das últimas décadas, emergem alguns movimentos teóricos oriundos de “zonas intelectuais periféricas” que ganham força, vigor, espaço institucional e visibilidade global. Tais movimentos possuem como ponto de interseção a preocupação com a desconstrução de uma certa narrativa que define o ocidente como lócus privilegiado de enunciação, retirando do colonizado o seu lugar de fala na experiência histórica.

As teorias pós-coloniais (pós-colonialidade) não constitui apenas um marco histórico, mas sobretudo uma narrativa que reescreve os relatos hegemônicos de forma descentrada e diaspórica, levando em conta as múltiplas conexões culturais, as complicadas relações laterais e transversais que transpõem as fronteiras dos estados nacionais e as inter-relações nas dimensões local/global.

As teorias pós-coloniais proporcionam uma leitura que dá luz aos eixos híbridos e sincréticos do penoso processo colonial, que foram até então obliterados pelas formas mais binárias e bipolares de narrativização (HALL, 2013).

A construção da imagem civilizatória ocidental se dá alicerçada numa matriz colonial de poder que suprime imaginários, memórias e histórias locais. Essa colonialidade de poder representa a face oculta/obscura do imaginário global, da exploração e da subalternização do outro, sem a qual a própria modernidade não poderia existir.

O conhecimento ocidental moderno institui a racionalidade como modelo epistemológico global, negando os saberes locais e rejeitando as alteridades epistêmicas. Tal colonização do saber e a sua apropriação racional fazem parte da elaboração de uma estratégia, cuja

interpretação linear-progressiva, institui a civilização européia como desenvolvimento natural das sociedades humanas.

Neste sentido, a ótica decolonial constitui-se num relevante dispositivo que revela uma profunda transformação epistêmico/hermenêutica na produção artística e intelectual.

Reside no desiderato até agora apresentado, a necessidade/urgência de desenvolver pesquisas no campo do teatro que estejam voltadas para uma práxis decolonial e inter/transcultural no contexto das instituições de ensino no Brasil, uma vez que são responsáveis pelo ensino dos saberes estético-epistêmicos. Nessas instituições a pesquisa teatral pode construir a crítica às práticas pedagógicas hegemônicas que ainda mantêm estruturas de exclusão relativas a uma boa parte da população expropriada dos meios de produção.

O processo de descolonização das práticas de pesquisa do teatro no contexto das universidades precisa levar em consideração a dissolução da disciplinarização do conhecimento e de suas estruturas arbóreas, no intuito de estabelecer um diálogo crítico entre as diferentes expressões estéticas. A pesquisa artística contemporânea, especialmente no campo teatral, só pode ser compreendida em termos da complexa tensão que se estabelece entre as epistemes ocidentais e as epistemes decoloniais, bem como as suas equivalentes conformações estéticas.

De todo esse conjunto de reflexões, eu deixo emoldurado três insights provocativos em torno da tentativa de compreensão de uma epistemologia decolonial no campo do teatro, a saber:

1. Pensar uma epistemologia decolonial no campo de estudos do teatro é pensar numa íntima vinculação com a questão estética. A dimensão epistêmico-estética circunscrita no teatro como área do saber deve ser resultante de uma forma de conhecimento advinda de uma prática e experiência ativistas, ou seja, gestada na dinâmica das lutas, de suas demandas emergentes, de suas territorialidades e memórias de enfrentamento.
2. Conceber a existência de uma epistemologia decolonizadora requer a compreensão de que ela pertence a um tipo de conhecimento inscrito na experiência histórica dramática e dolorosa dos corpos colonizados a delinear uma nova geopolítica de práticas discursivas de interpelação e múltiplos saberes.
3. Elaborar uma teoria crítica decolonial pressupõe como estratégia fundamental a desconstrução interpretativa da historiografia oficial moderna (Spivak, 2009), de modo a esvaziar os sentidos consolidados de seus textos para fazer a leitura a contrapelo das lutas singulares que emergem das formações sociais coloniais, no

interesse de resgatar a condição de sujeitos sociais daqueles que lutam contra a dominação eurocêntrica.

Como travessia movediça, o texto-ensaio problematiza os termos da relação epistemologia e estética a partir das lentes críticas dos estudos decoloniais e de suas contribuições no campo da pesquisa teatral; a dimensão epistêmico-estética inscrita na pesquisa teatral deve ser enfrentada de modo polissêmico, numa pluralidade de sentidos, numa aposta à política dos afetos entre corpos plurais. O desafio de praticar um processo investigativo no campo sensível do teatro é a possibilidade de criação/reinvenção de novas formas cênico-estéticas que configurem uma legítima experiência de resistência.

## Referências

- BACHELARD, Gastón. **A formação do espírito científico**. Rio de Janeiro: Contrponto, 2005.
- BUTLER, Judith. **Gender trouble: feminism and the subversion of identity**. EUA: Routledge, 2007.
- DUSSEL, Enrique. **Política de la liberación: historia mundial y critica**. Madrid: Trotta, 2007.
- FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1989.
- GARCÍA CANCLINI, Nestor. **La sociedad sin relato. Antropología y estética de la inminencia**. Buenos Aires: Katz Editores, 2010.
- HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- HARAWAY, Donna. **Ciencia, cyborgs y mujeres**. Valencia: Cátedra, 2015.
- HARVEY, David. **A condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. SP: Loyola, 1992.
- JAMESON, Frederic. **Postmodernism or the cultural logic of late capitalism**. London: New Left Review , 1991.
- MIGNOLO, Walter. **Historias locales/diseños globales: colonialidad, conocimientos subalternos y pensamiento fronterizo**. Madrid: Akal, 2000.

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidad del poder, eurocentrismo y America Latina**. Buenos Aires: CLACSO, 2014.

SANTOS, Boaventura. **Introdução ao discurso sobre as ciências**. Porto: Afrontamento, 1995.

SANTOS, Boaventura. **A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência**. São Paulo: Cortez, 2000.

SANTOS, Boaventura & MENESES, Maria Paula (Orgs.). **Epistemologias do sul**. São Paulo: Cortez, 2009.

SPIVAK, Gayatri. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.